

A EDUCAÇÃO FÍSICA NA ESCOLA: CONTEXTUALIZANDO O JOGO NA FORMAÇÃO SOCIOCULTURAL DO ALUNO E DE SUA AUTONOMIA

PHYSICAL EDUCATION AT SCHOOL: CONTEXTUALIZES THE GAME IN THE STUDENTS' SOCIOCULTURAL DEVELOPMENT AUTONOMY

**Ronnisson Luís Carvalho
Barbosa**

Mestre em Educação (Universidade do Chile/SEK - Universidade Americana de Assunção). Assessor Pedagógico do curso de Educação Física da UVA; Professor do Colégio Farias Brito e da Rede Pública estadual do Ceará; Professor da FANOR-CE

1 INTRODUÇÃO

O homem produz cultura, ao mesmo tempo em que nela é produzido. Esta é então produto e produtora da sociedade. Essa relação estabelece-se por ser um processo dinâmico que simboliza os códigos de um grupo. A escola insere-se nesse contexto. Está no ser humano a capacidade natural de criá-la e recriá-la para resolver problemas e atender suas necessidades.

Formação sociocultural refere-se a todo um contexto formal e informal que circunda a humanidade. O adolescente faz parte desse enredo. Todo o processo histórico vivido por ele tem influência na sua formação. O jogo tem para este, ainda que inconscientemente, uma grande dimensão cultural, pois é passado de geração a geração. As regras estabelecidas na sua composição definem normas e padrões de comportamento, logo, terá efeito moral e ético na vida social daquele que o pratica. Cada cultura incorpora as vivências do jogo, de acordo com sua história e acervo de movimentos que possui. É nesse aspecto, que acontecem principalmente, as mudanças de comportamento provocadas pela incorporação dessa prática em um grupo social. Então, diante dessas considerações convém ratificar, se bem mediado, que o jogo é capaz de contribuir no desenvolvimento sociocultural dos adolescentes.

A Educação Física é um acervo de movimentos herdados culturalmente, por isso mesmo intitulada de “cultura corporal do movimento”, (BRASIL, 1997). Ela enquanto disciplina, tem um papel determinante na utilização dos jogos para contribuir com a formação do aluno. É importante ressaltar, que essa formação estará sempre inserida no contexto sócio-histórico que esse adolescente “respira”. O jogo na Educação Física é conteúdo e está presente nos Parâmetros Curriculares Nacionais como sugestão para as aulas. Precisa incondicionalmente estar no planejamento escolar.

Pensando assim, percebi a relevância de realizar um trabalho, onde o jogo fosse o protagonista das aulas de Educação Física, contribuindo com o desenvolvimento sociocultural dos educandos. A pertinência dessa produção se

dá pela necessidade da compreensão do papel pedagógico que tem esse conteúdo no crescimento e desenvolvimento dos alunos. Desta forma, para efetivação deste relato, formulei as seguintes perguntas:

- Como o jogo, enquanto conteúdo das aulas de Educação Física, pode estimular a participação dos alunos?
- O jogo melhora as relações interpessoais do corpo discente da escola?
- O jogo contribui na formação sociocultural do aluno e de sua autonomia?

Para responder essas perguntas, orquestrarei esta produção com os objetivos de demonstrar que o jogo, quando bem mediado, traz prazer e motivação aos seus participantes; e de identificar como as aulas com jogos melhoram as relações interpessoais e contribuem na formação sociocultural dos alunos e de sua autonomia.

Para isso, interpretei as falas dos alunos de um grande colégio particular da cidade de Fortaleza, fazendo uma leitura dos seus sentimentos, traduzindo suas atitudes no contexto do jogo, pois a convivência semanal por um ano me permitiu. O estudo parte de observações e confrontos bibliográficos, pois discuto com autores, como Piaget, Vygotsky e Bossa. A análise da minha experiência foi feita através da convivência, diálogos diários e 32 aulas práticas no ano de 2011, em cada uma das turmas do 6º ao 8º ano do ensino fundamental II (duas de cada série). Como instrumentos de coleta de dados utilizei a observação participativa e entrevista. A pesquisa é descritiva e apresenta-se como um estudo de caso (relato), com uma abordagem qualitativa.

As minhas conclusões foram tiradas em relação à totalidade das experiências, demonstrando minhas opiniões e pontos relevantes do estudo, apresentando o jogo, como intervenção pedagógica para as aulas de Educação Física no desenvolvimento do adolescente.

O Colégio investigado situa-se no Bairro Seis Bocas, é o mais jovem de uma grande Organização de ensino. O mesmo possui duas turmas em cada série do Ensino Fundamental II e uma turma de 1º ano do Ensino Médio.

A população investigada nessa experiência foi de 200 (duzentos) adolescentes dos 11 aos 14 anos de idade, integrantes das classes média alta e alta da cidade de Fortaleza.

Este relato aborda diferentes contextos em que este adolescente está inserido e que influem em sua participação nas aulas de Educação Física, que privilegiam o jogo como conteúdo e sua contribuição no seu desenvolvimento sociocultural. Optei por destacar o papel do lúdico em um enfoque construtivista, pois parti sempre das experiências trazidas pelos educandos. Isso muito contribuiu com as aulas. Converso também sobre os Parâmetros Curriculares Nacionais e os coloco como um grande referencial teórico. Enfatizo a relação entre os adolescentes da escola e a Educação Física escolar com a prescrição dos jogos para as aulas. Incluem-se aí, principalmente, os populares, passados de geração a geração e com muitos significados históricos e culturais em suas regras. Pude constatar notoriamente, como em um ano de práticas lúdicas, muitos dos meus alunos saíram da condição heterônoma para autônoma, ou seja, de um nível de consciência moral do outro, para um nível de consciência moral próprio.

2 O JOGO, A MOTIVAÇÃO E OS PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS NAS VIVÊNCIAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA NA ESCOLA

Piaget (1987) e Vygotsky (1991) têm ideias contrárias quanto ao sentimento trazido pelo jogo, o primeiro é incisivo ao afirmar que todo jogo promove prazer. Se assim o fosse, contemplaríamos o conteúdo JOGO para as aulas e teríamos uma participação efetiva de todos os Educandos (aceitação mútua). Indubitavelmente, pelas experiências vividas no Colégio investigado, só posso corroborar com Lev Vygotsky, pois este, ao ratificar de forma inexorável que nem todo jogo fomenta prazer, explica a ausência do Aprendiz, até mesmo com esse modelo de aula na Educação Física Escolar. Ele diz mais, a questão de sentir prazer, na participação em um jogo, estará sempre vinculada às perspectivas de quem joga e às relações mantidas por esse grupo. Confrontado

a fala desses dois autores, percebi a importância de ser criterioso ao escolher o tipo de jogo a ser trabalhado nas minhas aulas. Deixei essa decisão para que a tomássemos em grupo. Partindo das experiências dos meus alunos. Vislumbrei, principalmente, o nível cultural e cognoscitivo destes e coloquei-os como participantes ativos desse planejamento, contemplando um princípio pedagógico chamado, FAZER JUNTO, Presente nos Parâmetros Curriculares Nacionais, e que permite uma prática pedagógica de construção do conhecimento. Percebi que os alunos, ainda que inconscientemente, optaram pelo resgate da nossa cultura, ao contemplarem vários jogos populares para as aulas. Daí, para que estas práticas surtiram um efeito de transformação no nível de consciência dos alunos e cultivassem suas relações interpessoais foi um passo. Com essa proposta de trabalho, tive uma maior aceitação por parte dos aprendizes para as minhas aulas e compreendi na prática como as teorias são importantes, com destaque para os autores construtivistas (VYGOTSKY, 1991; PIAGET, 1987).

O que determinou a participação dos alunos nas aulas de Educação Física, foi a motivação, isso quer dizer, que para uma aprendizagem significativa, eles precisavam ter prontidão para aprender, isto é, teriam que associar nossas vivências aos seus anseios, seu cotidiano, mais precisamente, sua vida social. Quando eu não criava essa relação ora citada, mesmo que participassem das aulas, tinham outros motivos que não eram inerentes aos seus desejos, ou seja, a frequência se deu algumas vezes pelo medo da punição que pudesse decorrer dessa ausência na aula. A motivação pressupõe fatores externos e internos relacionados ao ser humano, este precisa ter bons motivos para exercer e permanecer em alguma atividade. Pensando assim, busquei cada vez mais uma aproximação com meus alunos. Comecei a me preocupar com os seus problemas, passando a partilhar alegrias, angústias e receios. Criamos uma liga de amizade e respeito. Por esse motivo, pude ouvi-los mais, pois se sentiram à vontade para externarem seus sentimentos. Essa relação de afetividade me permitiu adentrar mais ainda o mundo deles. Abrimos várias discussões. Eles entenderam que os esportes,

as lutas e a dança, também poderiam ter um caráter lúdico, e que nós poderíamos associá-los aos jogos. Foi incrível esse embate, pois fortaleceu as aulas e fomentou nos alunos mais autonomia nas suas práticas corporais. Consequentemente essa se expandiria para a vida social deles.

Aceitação mútua no meu entendimento, não quer dizer e nem pretende refletir 100% de participação direta dos educandos nas minhas aulas, mas almejei sempre esse percentual, para a compreensão significativa do aluno nas vivências. Fazendo uso do dito popular, “de cada com sua capacidade, e a cada um, com sua necessidade”, conscientizei-me da importância de respeitar os educandos nas suas diferenças. A própria antropologia, nos cita um princípio chamado alteridade, que aborda que a maior característica do ser humano é a capacidade que ele tem de se expressar diferentemente, Darido (2003, p. 17 apud MAUSS, 1974). Percebi então, que minha obrigação seria propiciar um ambiente favorável nas aulas, onde todos, independentemente do nível de habilidade motora, peso, altura, sexo ou deficiência, pudessem participar, gerando assim, um “clima” de aceitação na pluralidade.

O que incrementei junto ao Colégio particular do bairro Seis Bocas foi a utilização das recomendações contidas nos Parâmetros Curriculares Nacionais, que enfatiza o lúdico. Os próprios alunos, com ética e responsabilidade social, optaram pelo prazer de jogar “com” e não “contra”.

3 ADOLESCÊNCIA, EDUCAÇÃO FÍSICA E A ESCOLA

Quando convivi com os adolescentes dentro do Colégio, pude perceber que eles têm a necessidade de autoafirmação, quando observei o relacionamento entre colegas da mesma idade, notei um padrão que os afetava, que ia desde o uso de algum acessório, até o tipo de comportamento no grupo (como por exemplo, abrir mão das aulas de Educação Física). Se eu não atentasse para essas mudanças, apelaria logo, equivocadamente, para rótulos sobre o aluno, alegando de forma leiga, que os padrões comportamentais apresentados seriam algum

tipo de distúrbio. Isso seria uma falta grave da minha parte, pois quando rotulamos, consequentemente, excluímos.

Afirma Bossa (2005), que entre outras coisas, as dificuldades dessa etapa, costumam trazer sérios problemas à escolaridade, não só no que concerne ao comportamento do adolescente, que tende a desafiar a figura da autoridade, mas também em relação ao aprendizado na escola, visto que os conteúdos ensinados nas séries cursadas nessa época requerem um esquema de pensamento mais sofisticado. Agindo com essa fundamentação, incentivei jogos onde a elaboração de estratégias (como no jogo de bandeira, por exemplo) fomentasse no aluno a manifestação de suas opiniões no grupo de maneira autônoma. Acreditei que os jogos por eles herdados, poderiam ser compartilhados com toda a equipe. Realizamos uma sequência, obedecendo-se a faixa etária e anseios de cada turma. Optamos pelos populares, cognitivos, de perseguição, sensoriais, de mímica e pré-desportivos dos 6º (s) aos 8º (s) anos. Os conflitos foram dando lugar a cooperação e aceitação mútua para as aulas. E mais, com esses jogos, melhoramos significativamente as relações interpessoais na escola.

4 CONCLUSÃO

Foi muito importante perceber as mudanças decorrentes da adolescência e as consequências destas para uma boa participação e frequência às aulas de Educação Física. Não é interessante insistir em tratar o adolescente como se este fosse o mesmo durante toda sua trajetória escolar. Meninos e meninas mudam gradativamente, portanto, afirmo que não é o adolescente que tem que se adequar à Educação Física na escola, e sim o contrário. Pude comprovar que a escolha por engajar-se em uma atividade, como o movimento, é motivada por fatores conscientes e inconscientes, percebi que fatores afetivos podem interferir no ritmo do desenvolvimento do aluno. Com isso, reforço a importância do professor de Educação Física em percebê-lo na sua totalidade.

A escolha do planejamento participativo no Colégio pesquisado, foi condição precípua

para descobrirmos no jogo, um instrumento de aproximação entre os diversos segmentos da escola. Não quero neste desfecho, condicionar o sucesso das aulas de Educação Física somente a escolha dos jogos para as aulas, até porque estes não são uma panaceia ou seu único conteúdo. No entanto, posso afirmar sem equívoco, que a possível ausência dele com um significado lúdico nas aulas, pode ser considerada um retrocesso na formação humana.

A proposta por mim orquestrada nessa escola, pode não funcionar na sua íntegra em qualquer estabelecimento de ensino, mas, é um bom começo para quem quer promover uma cultura de paz com jovens conscientes e autônomos, membros proativos de uma sociedade a mercê da vontade alheia e reprodutora de conhecimento.

Um dos pontos mais positivos dessa pesquisa foi compreender que qualquer prática só se sustenta com uma boa teoria. Os autores utilizados e citados nessa pesquisa efetivaram meus objetivos educacionais. Foram eles, juntamente com meus alunos, os pilares de todo o sucesso dessa proposta.

O aluno do colégio investigado, como qualquer outro adolescente, precisou que a escola o acolhesse, respeitasse suas escolhas e fomentasse nele o conhecimento de si e do mundo que o cerca. Insisti no diálogo para provocar sua emancipação cultural, que promove a competência para refletir (tendo o jogo como mediador) sobre questões, como: luta de classes, poder, contestação e a falácia da indústria midiática.

Outro ponto relevante em toda essa experiência, foi o alcance do respeito à pluralidade dos desejos, ideias e culturas. Consegui compreender que contribuir com a formação sociocultural através do jogo nas aulas de Educação Física, é incentivar o pensamento crítico, que valoriza a arte como prática e expressão da cultura corporal. Os sorrisos, os saltos, as corridas, demonstraram as inúmeras formas de comunicação do corpo com o mundo, definindo as singularidades do sujeito em um ambiente formal, onde o acervo cultural de cada aluno se enriqueceu também, nas habilidades psicomotoras promovidas pelo jogo, e às vezes, no próprio silêncio da introspecção

que gera a ação.

REFERÊNCIAS

BOSSA, Nádya Aparecida. **Avaliação psicopedagógica do adolescente**. Petrópolis: Vozes, 2005.

BRASIL. **Parâmetros curriculares nacionais: Educação Física**. Brasília: Secretaria de Educação Fundamental, 1997.

DARIDO, Suraya Cristina. **Educação física na escola: questões e reflexões**. Rio de Janeiro: Guanabara, 2003.

MAUSS, M. **Sociologia e antropologia**. São Paulo: EPU; EDUSP, 1974. v.2

PIAGET, Jean. **Seis estudos de psicologia**. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1987.

VYGOTSKY, L. S. **A formação social da mente**. São Paulo, Martins Fontes, 1991.

Agradecimentos

Meus agradecimentos a organização Farias Brito, na pessoa da diretora do núcleo Seis Bocas, Lília Prisco, pela colaboração para a efetivação desse trabalho.